

## "DONA YOLE"

Assim a conhecemos, assim lembramo-nos da Senhora, assim a chamamos em nossas intermináveis conversas nos dias que antecederam a este encontro, assim a chamaremos para sempre.

Esta singela lembrança é para que possas guardar consigo as histórias e imagens de alguns de nós, aqueles a quem a Senhora ensinou a ler, a escrever, a respeitar e a conviver em sociedade.

Somos eternamente gratos por teres abdicado de parte de seus dias e de sua vida em prol de nosso crescimento.

Aqui estamos íntegros, saudáveis, inseridos em nossas comunidades e na sociedade, verdadeiras mulheres e homens e a Senhora tem parcela substancial em toda esta nossa trajetória de sucesso e de conquistas.

Muito Obrigado!

De seus sempre alunos do Grupo Escolar João Triches.

Caxias do Sul, 1968 - 2018

ANELISE CIPOLLA



CESAR TOMÉ



INÊS CRISTINA BRANDALISE



JANETE ALBINI



JOSÉ MIGUEL GONÇALVES



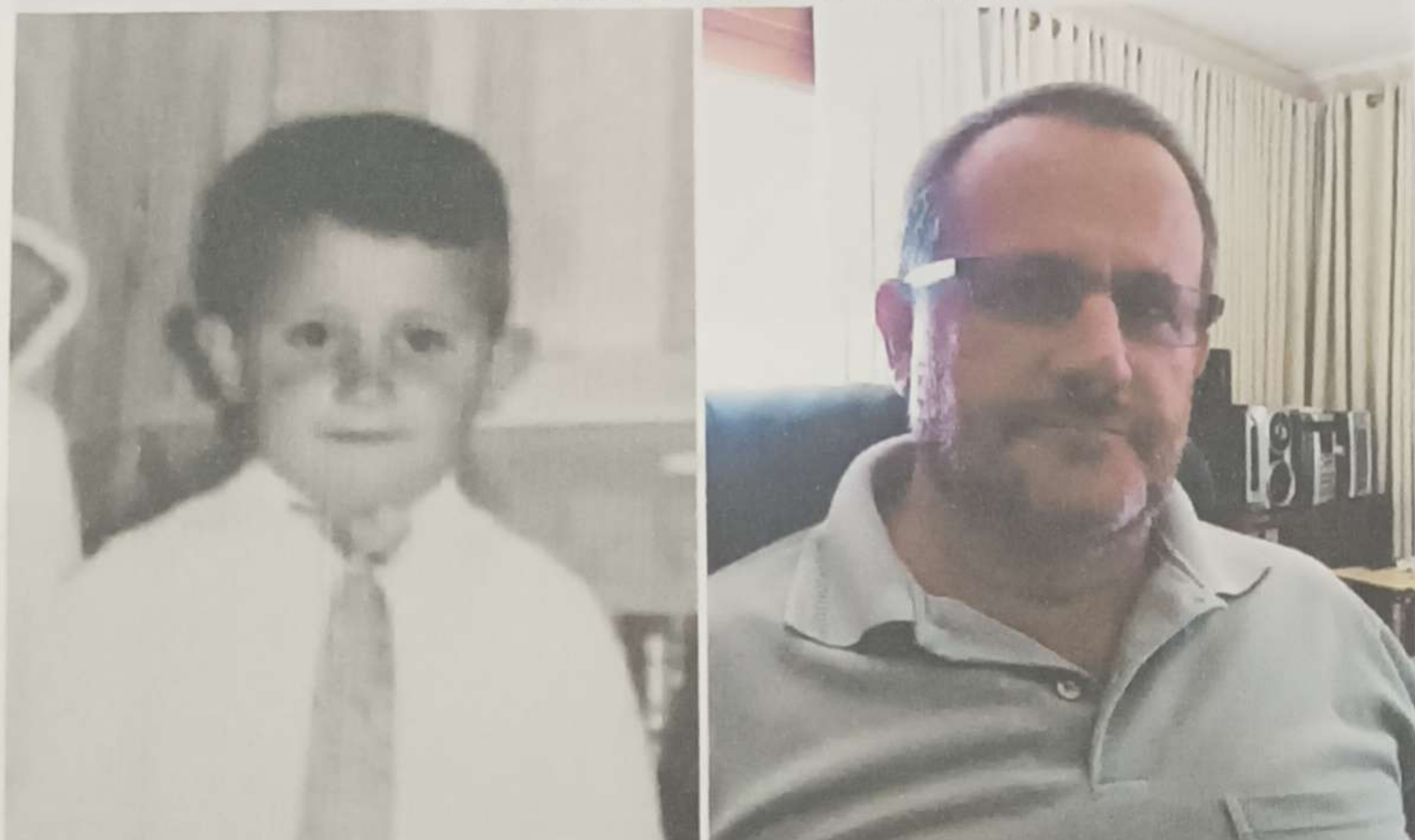
JUAREZ SANTINI



JULIO CESAR ARAÚJO



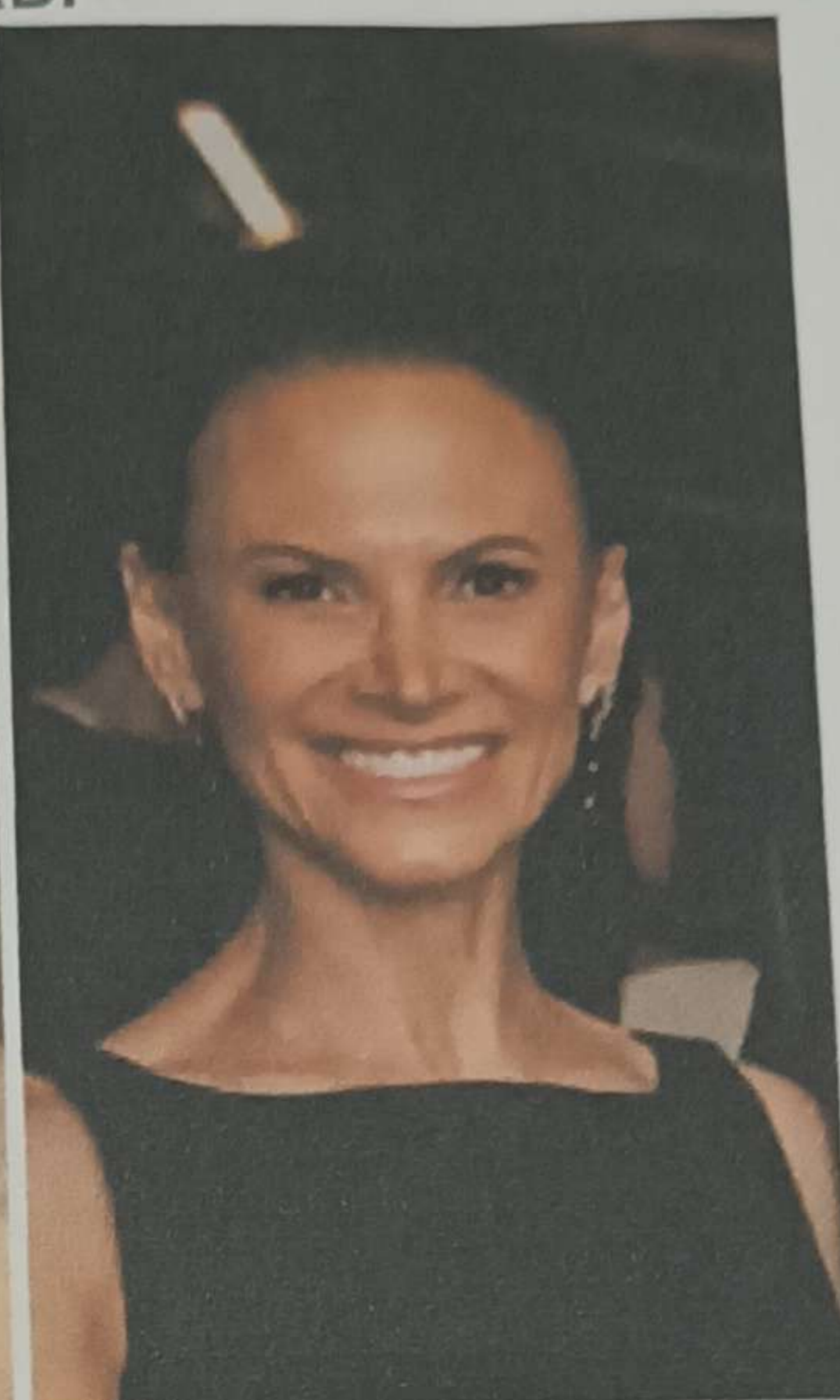
LUIZ EDMUNDO BASTIAN



LUIZ HENRIQUE DA ROCHA



MAIRA NARDI



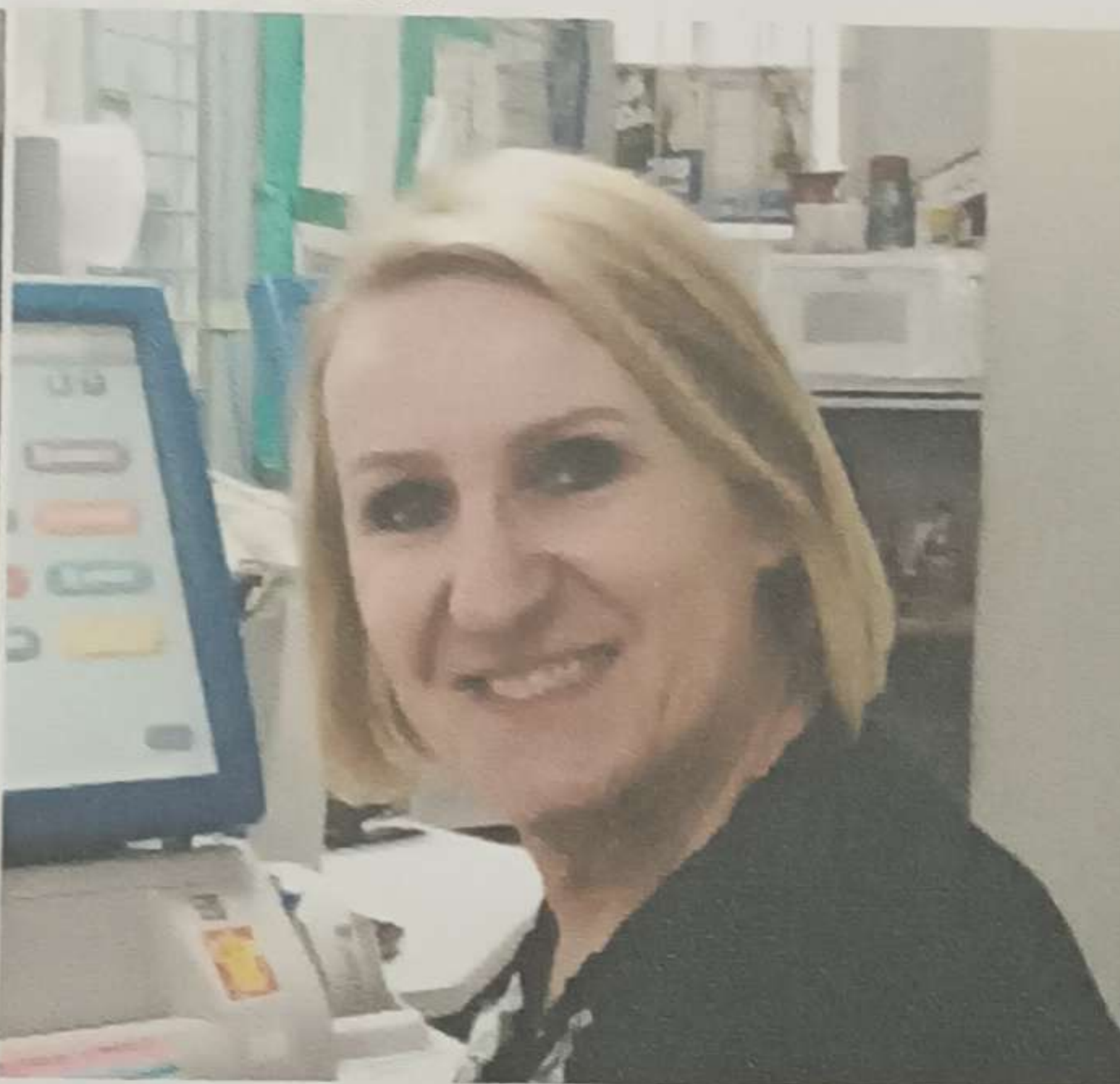
MARINA CARRA



MAURO LUIZ NARDI



MIRIAM GUBERT



NEURA CARNESELA



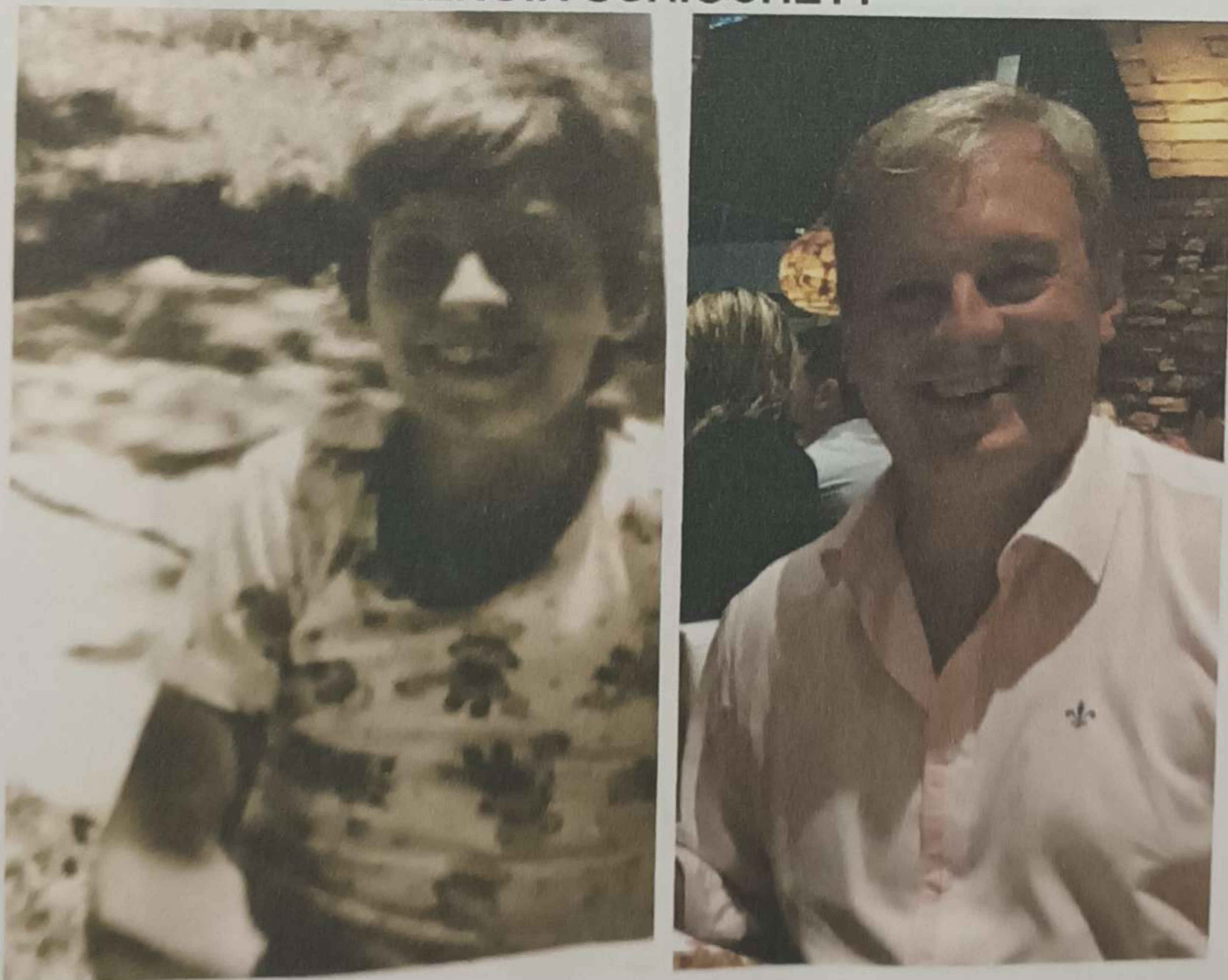
REGINA SANTOS



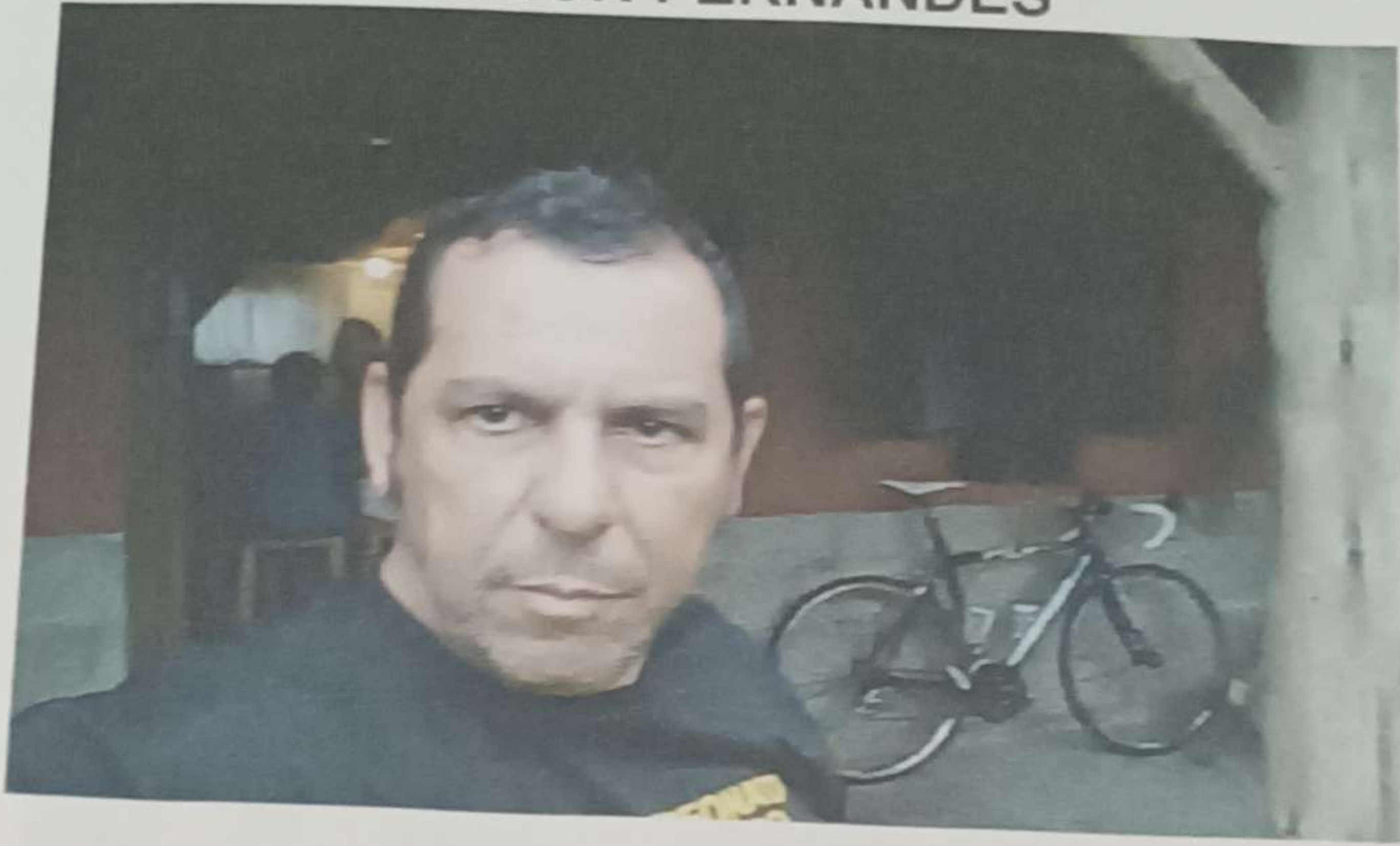
SILVANA D'AGOSTINI



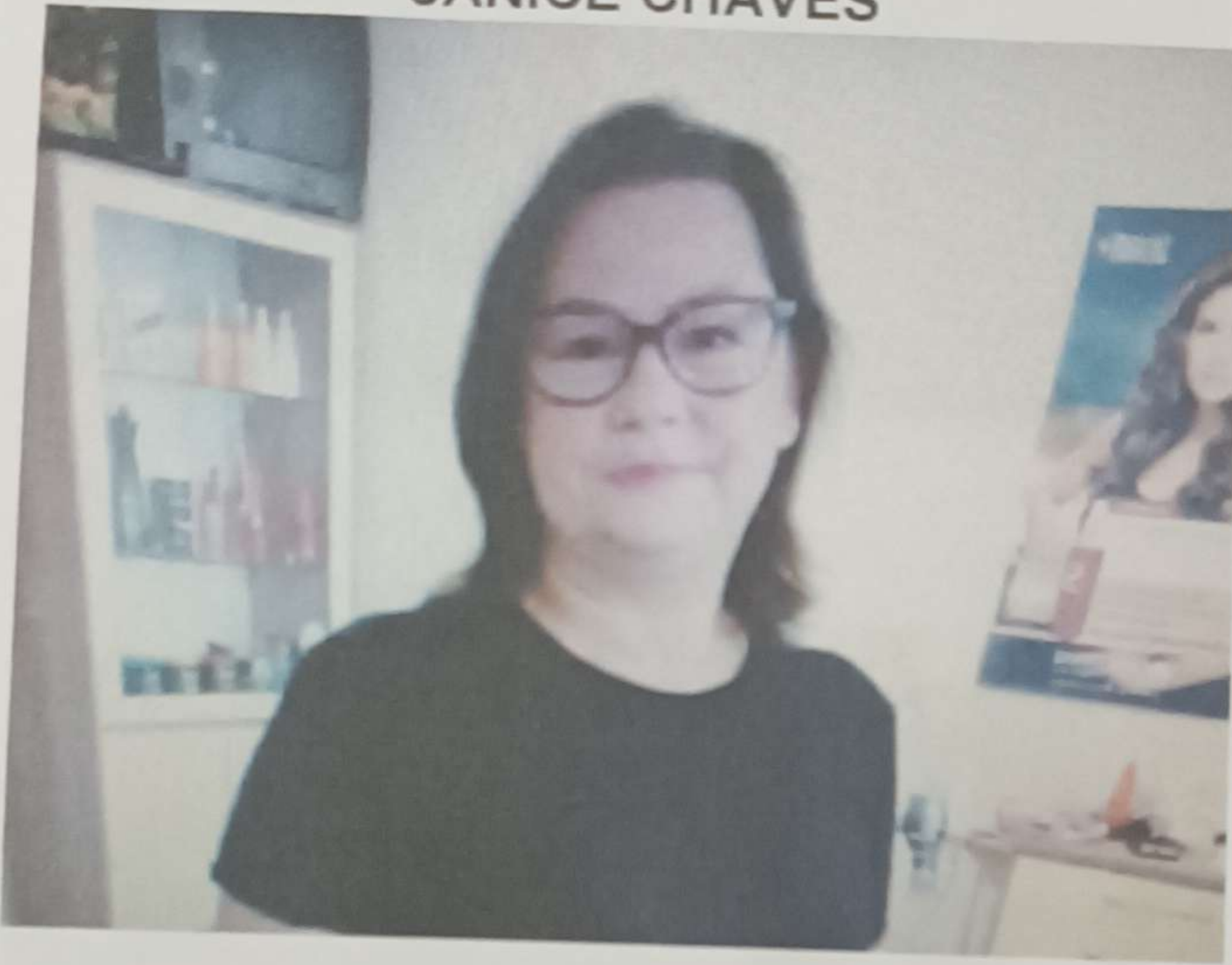
ZENOIR SCHIOCHETT



EDSON FERNANDES



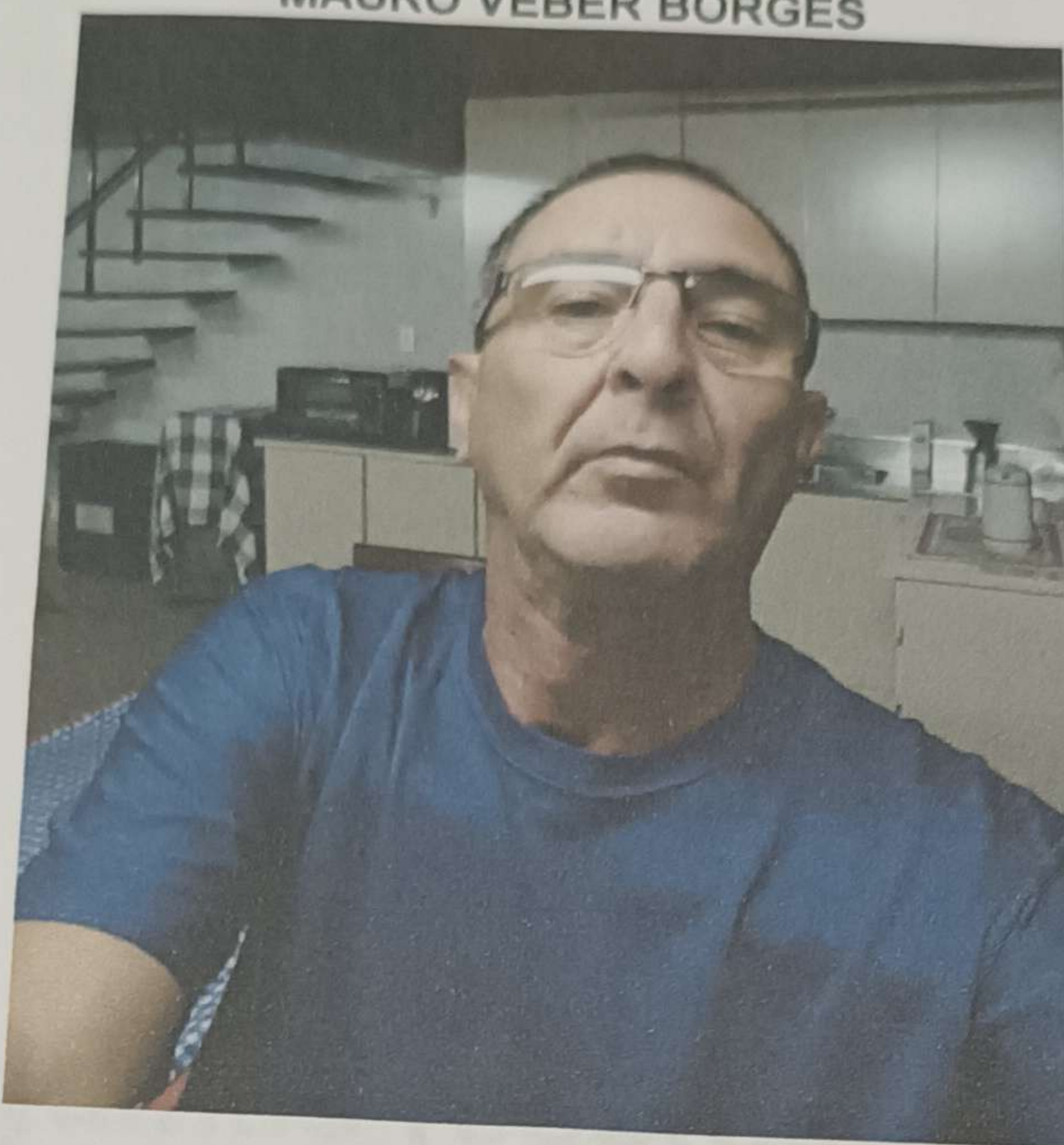
JANICE CHAVES



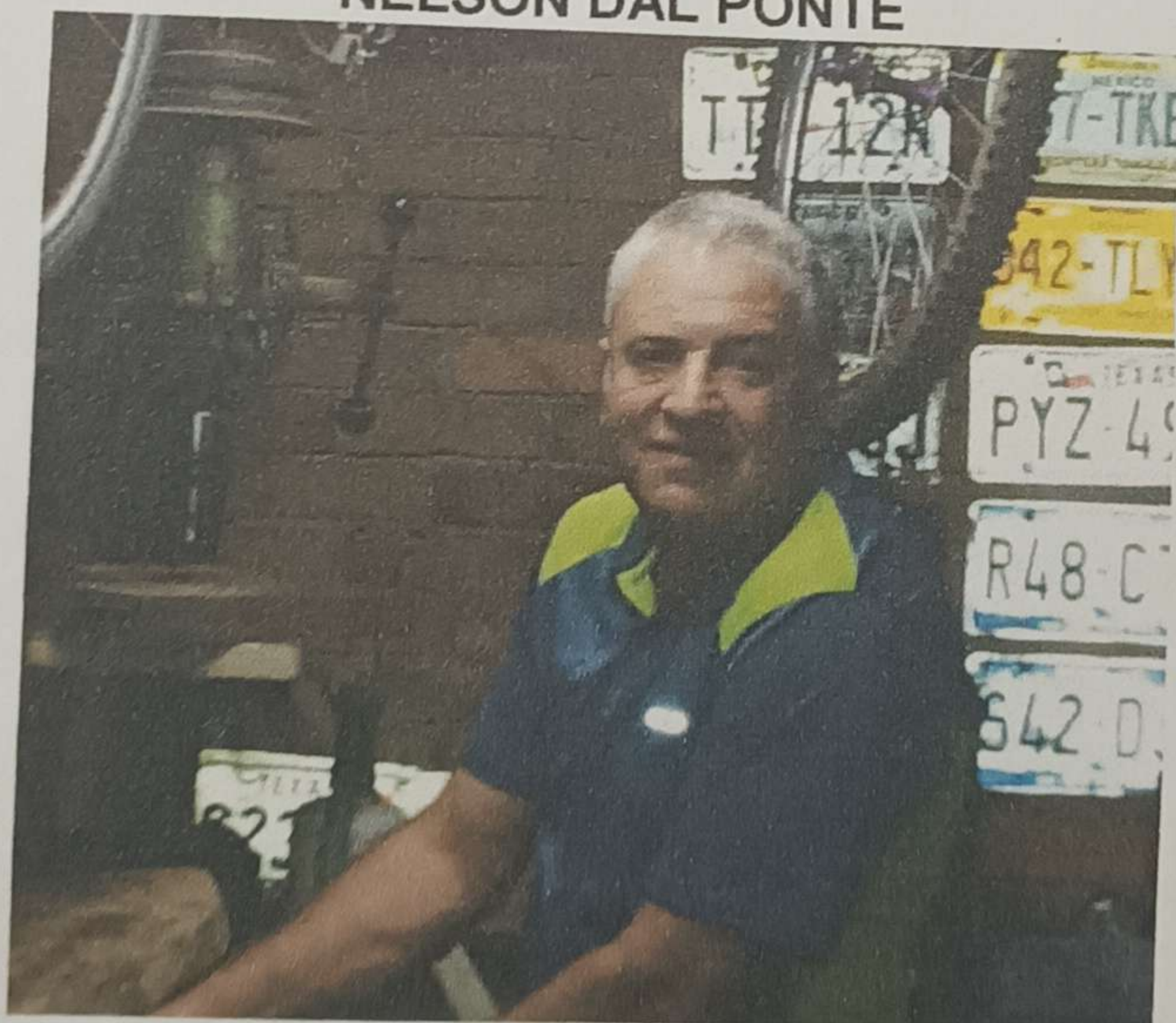
MARCOS GAZZI



MAURO VEBER BORGES



NELSON DAL PONTE



## Algumas recordações...

## O PRIMEIRO DIA DE AULA

O ano, eu já nem lembro mais, só sei que o tempo não apagou da memória do menino, o momento em que chegava na escola pela primeira vez. Antes uma caminhada por um "campinho" onde outros meninos vestidos com roupas cerzidas, brincavam com "carros de lomba", outros se deliciavam com a água cristalina do "poçinho", que ficava quase nas terras dos *Ruaro*.

Eram três pavimentos, todos bem cuidados, com portas de madeira, vidros cristalinos e cortinas de pano, uma floreira emoldurava a escada de tijolos de barro que levava ao pátio, e à esquerda tremulava a Bandeira Nacional, símbolo de tanto patriotismo, mas os anos eram de "dureza", e a bandeira estava ali não só por patriotismo, mas também por imposição.

Olhos esbugalhados, uma verdadeira "zoadá" de vozes infantis tomava conta dos ouvidos do menino, que como outrora, era levado pela mão firme do seu pai, sendo conduzido à escola pela primeira vez.

As mãos do seu Alzemiro já trêmulas, pela ação do tempo, pela dureza da vida, mas lá estavam elas, cumprindo o ritual que já se repetira por seis outras vezes, lá pelas bandas de Tainhas, de Contendas, lá pelos "lados" de São Chico de Paula.

Agora estávamos na "cidade grande" e a escola tinha ao fundo do pavimento central as "privadas", e antes disso, um grande espaço servia para as correias da meninada.

Ao fundo da secretaria,... humm ali estava à cozinha, de onde a D. Maria quase todos os dias fazia "brotar" um saboroso aroma de "creme com sagu", mais ao lado, guardavam-se os "sons"... da Banda, que todo o mês de agosto de cada ano "acordava" com o bumbo, tocado pelo "Melara" que com certeza era o "maior" de todos naquela tenra idade.

Seguindo mais um pouco encontrávamos a Dona Magali, mãos postas à cintura de um corpo de pouco mais de um metro e meio de altura, mas que com a sua seriedade fazia tremer mesmo o maior dos "marmanjos" que se atrevesse a "circular" entre o pavimento da direita e a já corroída cerca que protegia o frágil corredor de um barranco de uns dois metros de altura.

Entre brincadeiras de "roda", de "esconde-esconde", de "mandraque", de "pular corda", de jogar "seis marias", podíamos avistar boa parte da cidade. De lá víamos quase toda a Igreja de São Pelegrino, podíamos ouvir os sinos da Igreja "velha" do Pio X, por onde passávamos e encontrávamos o Pe. Bisi. Defronte à secretaria, podíamos ouvir o passar das águas pesadas do Rio do Tega, que rolavam a céu aberto, entre a escola e a Matheo Gianella, à direita víamos parte das arquibancadas de madeira do Estádio do Flamengo, e a esquerda a Cantina Aliança que naquele início de ano "exalava" o aroma do vinho novo.

E o "menino" estava ali, diante da sala número 11, onde a Dona Yole o esperava e a quem o Seu Alzemiro o entregou dando a ela total autonomia para aplicar os conhecimentos da "cartilha" e se preciso a dureza de um corretivo.

A escola continua no mesmo local, hoje tem ginásio de esportes, novos pavimentos, ampliou seus horizontes, "até estacionamento tem", mas o que ficou na memória do menino, ainda está ali, preservado para que ele possa mostrar, onde, um dia foi levado pela mão de seu velho pai, e onde aprendeu os principais conceitos da vida. Ela ainda está lá, na Guilherme Adamatti, no Pio X, onde o menino cresceu, mas guardou na lembrança as "Donas" Rosa, Yole, Leonor, Lazineha, Maria Nilse, Gerda e outras tantas a quem os meninos de hoje chamam de "Tia". Saudades do João Triches, "da Stecanella", dos tempos em que brincávamos com o "Ciro", dos bons tempos.

Pois é, o tempo passou, transformou nossas vidas e hoje somos o que fizemos, o que semeamos e colhemos tudo aquilo que nos foi dado como: - "um dia será o seu futuro" e como este "um dia" sempre esteve muito distante..., ... quando nos deparamos com uma mudança radical e isso nos faz refletir, buscar forças não para recomeçar, mas para fazer com que nossas engrenagens não parem e venham a ser corroídas pelo que nos resta desta vida terrena.

Luiz Henrique da Rocha  
10 de novembro de 2003

## O EXÍLIO NO ANA FADANELLI

Não lembro exatamente do ano, mas certamente foi após 1970 e antes de 1974.

Creio que naquela época já não mais éramos obrigados a usar a "tradicional" veste escolar composta por calça azul marinho para os meninos e saia da mesma cor para as meninas, já a parte superior a vestimenta era idêntica, "guarda-pó" branco e uma gravata na cor azul marinho.

Imagino que à época já usávamos as tais de camisetas, uma novidade para aqueles tempos bicudos. Umas na cor branco, outras em amarelo e se não estou equivocado havia também na cor azul marinho, todas com o nome da escola estampado no peito.

Pois bem, nos apresentamos no João Triches para o início de mais um ano letivo, a maioria sempre eufórica por poder reencontrar os colegas, matar a saudade e de certa forma se livrar dos rigores de nossos pais ou responsáveis como chamavam à época.

E o sino "bateu" religiosamente às 07h30min.

Como não havíamos encontrado nossos nomes em qualquer lista apontando a sala de aula ficamos acantonados naquela área aberta entre uma coluna de salas e outra (a que possuía somente a cobertura) localizada entre os banheiros e a cozinha/sala da banda.

Em poucos minutos fomos informados para nos posicionar logo abaixo da escada, no local onde habitualmente, em formação militar hasteávamos a bandeira do Brasil e cantávamos semanalmente os hinos exigidos pela Direção da Escola.

Em um pronunciamento sem qualquer rodeio ou sem o direito a qualquer tipo de argumentação ou mesmo sem termos o direito de dizer sobre onde morávamos ou de como chegaríamos ao "novo" endereço, fomos informados de que naquele dia seríamos liberados, mas que no dia seguinte teríamos de nos apresentar no COLÉGIO ANA FADANELLI que tinha sua localização, se não estou e equivocado, na Rua José Gollo, quase nos fundos do Cemitério Público Municipal, em uma paralela que fica entre a Ernesto Alves e a Matheo Gianella.

E lá fomos nós. Em casa um mar de perguntas e o desespero por não termos respostas e nem meios para qualquer tipo de reação.

No meu caso, a distância mais que dobrou, pois eu morava em um velho casarão próximo a Padaria Santa Catarina, localizado na Rua Ângelo Chiarello, quase na divisa entre o Pio X e o São José.

Dali até o João Triches era atravessar a Av. Rosetti, percorrer a estradinha que serpenteava o morro do pocinho. O "pocinho" ficava nas terras dos Ruaro, passávamos ao lado do palacete do Seu Dal Zotto (que era o "dono" da empresa Madal) e muitas vezes acessávamos o recinto da escola por um dos tantos rasgos que havia na tela que fazia as vezes de separador dos terrenos lindeiros.

Pois bem, para chegar ao "novo" destino eu deveria continuar a jornada, passando pelo João Triches, entrando na rua Campo dos Bugres, e atravessando a Matheo Gianella e continuar minha saga diária por uma ruazinha que ainda é quase um atalho e que fica à direita de quem vem pela Matheo para e por fim subir o morrinho até encontrar a La Salle e só depois, uns 300 metros mais adiante se chegava a "Ana Fadanelli".

É claro que tudo isso à pé e enfrentando tudo aquilo que nos cabia tal como frio, chuva, barro, etc...

E chegamos ao "Ana Fadanelli", local de nosso exílio, pois os escolhidos para esse afastamento foram apenas algumas turmas.

Lá a situação ia da quase desgraça ao puro e pleno divertimento.

De um lado, para os então estudantes nativos do Ana Fadanelli, nós éramos reles forasteiros, quase invasores de seus domínios e muito sofremos para os mantermos em um território que não era nosso mas que deveríamos manter com todas as forças.

De outro lado, nós convivíamos diariamente com o fantasma da não aceitação interior por termos sido expurgados do João Triches, mesmo que temporariamente, irresignação que levou a termos algumas baixas em nosso pequeno e imaginário exército.

Já na "nova" escola, concentrávamo-nos na parte inferior que correspondia ao "pátio" de nosso exílio, onde ao fundo existia um muro de pedras de uma altura quase inimaginável.

Para adentrar ao recinto da escola éramos obrigados a subir uma longa e estreita escada, feito isso desembocávamos em um corredor onde enormes portas davam acesso a nossas novas acomodações.

As paredes que dividiam as salas eram de madeira, o pé direito de cada sala era de mais de 4 metros e conseqüentemente as "divisórias" viviam balançando de um lado para outro.

Mas não balançavam ao seu bel prazer ou por qualquer outro problema de ordem estrutural. Mas balançavam sempre que um de nós esbarrava ou propositadamente batia de um lado, no que prontamente era respondido pelos colegas exilados na sala contígua.

Haja paciência de funcionários e nossos professores.

E assim passamos um ano de exílio. No ano seguinte retornamos à nossa origem e base escolar do João Triches.

Mais tarde o Ana Fadanelli foi consumido por um incêndio e hoje no local onde se encontrava a escola existe um condomínio de moradias.

Luiz Henrique da Rocha  
Fevereiro de 2018

## **FUTEBOL, BARRO E MENTIRA**

Hoje a Escola Edificare cobre o leito de um dos tantos braços do Rio do Tega e lá existia ali um campinho coberto por uma grama rala e surrada.

O campinho era bem pequeno mesmo e ficava espremido entre o leito do rio e os terrenos que iam em direção à Matheo Gianella.

Pois bem, lá por 1969/1970, em muitas oportunidades saíamos do João Triches às 12:00 horas e ao invés de irmos para nossas casas retirávamos as vestes claras e nos atracávamos em barrentas e ferrenhas disputas de futebol.

Claro que sempre um de nós teria de ficar de plantão para as águas do Tega não consumirem com a única bota que tínhamos.

O resultado era coxas e canelas completamente embarradas que depois eram minimamente lavadas com a água de alguma poça da redondeza, colocar o uniforme de volta, inventar em casa uma história de que tínhamos ficado de castigo ou outra qualquer para justificar a hora da chegada e rezar para não sermos descobertos até a hora do banho.

Luiz Henrique da Rocha  
Fevereiro de 2018

## O DIA DA SURPRESA

O Presidente do Brasil era o General Emilio Garrastazu Médici, o ano o de 1970 e primavera ainda não havia se apresentado por estas bandas, os galhos das arvores ainda estavam carcomidos pelo rigor do inverno e nossa memória ainda borbilhava pela conquista do tricampeonato mundial de futebol no México.

Nós estudantes do Grupo Escolar João Triches, de uma ou de outra forma assistimos a grande final. Nem todos possuíam aparelho de televisão em seus lares, ul "luxo" para a época, mas de uma ou de outra forma festejamos a conquista brasileira em terras mexicanas e mesmo com nove ou dez anos já manuseávamos as barulhentas e perigosas bombinhas onde as mais cobiçadas eram as chamadas de "500", pois eram as mais potentes.

Diferente de hoje, andávamos com tranquilidade pelas ruas e avenidas da cidade, todos os dias nos deslocávamos a pé de casa para a escola, da escola para casa e com desenvoltura até por endereços mais distantes de nossos domínios.... outros tempos.

Perigo?

Claro que existia algum perigo, principalmente os propiciados pelos cavalos soltos que pastavam diariamente nas cercanias do morro do pocinho que ficava ali nos fundos da escola quase defronte ao palacete dos Dal Zotto. Mas isso nós tirávamos de letra, pois estávamos acostumados com cavalos vacas, cabritas e outros animais com os quais convivíamos cotidianamente.

Outro perigo constante era a lagoa que ficava do lado oposto ao pocinho, no fundo da escola, na Rua Mariana Prezzi entre as terras dos Ruaro e a casa dos Munaretto, ali existia uma lagoa, que por fazer parte de nosso dia a dia era serpenteada cotidianamente sem qualquer preocupação de nossa parte.

Voltando ao final daquele inverno, em uma sexta-feira fomos informados pela direção da escola de que deveríamos comparecer no pátio às oito horas da segunda-feira onde teríamos uma surpresa.

Santa curiosidade... não existia incentivo maior para comparecer à escola em turno inverso que não a promessa de uma surpresa. E nossa imaginação viajava pelo consciente e pelo inconsciente na busca de uma resposta.

Qual seria a surpresa?

E realmente foi uma surpresa. Quase todos chegaram no horário estabelecido e fomos acantonados no pátio que ficava entre os banheiros e a sala da banda/cozinha, aquele existente entre as duas colunas de salas de aula.

A Diretora, Dona Magali com a tratávamos, sem qualquer rodeio deu a notícia, ou melhor, apresentou a surpresa.

Dona Magali anunciou aos alunos uma equipe composta por três pessoas que vestiam um impecável uniforme na cor branca, inclusive os sapatos. Maletas nas mãos, sendo uma delas enorme, e mandou formarmos uma fila imediatamente.

Eu, já ressabiado já fui me postando para trás, pois "boa coisa não deveria ser" e ao comando autoritário de sua voz escutei ela dizer:

- Meus queridos alunos, o Grupo Escolar João Triches está fazendo parte da Campanha Nacional de Erradicação da Varíola e nesta manhã todos vocês serão vacinados, e devem estar aqui na escola pontualmente às treze e trinta para o período normal de aulas. Pode começar...

Meu Deus, o caos estava instalado. Falávamos tal qual um bando de caturritas, alguns desesperados, outros apavorados, mas como gado fomos sendo colocados em bretes formados por classes e um a um fomos sendo alvejados em nossos braços.

De uma ou de outra forma eu fui cedendo meu lugar na fila e um a um meus colegas foram me deixando para trás.

Os que já tinham levado o disparo daquela máquina infernal passavam pela fila e debochavam dos que ali ainda estavam, e tremiam ao ouvir cada estampido gerado pela tal pistola.

O resultado disso foi eu ser o último a ser vacinado, receber um puchão de orelhas da Dona Magali, chegar em casa perto da uma hora da tarde, ouvir um verdadeiro sermão de minha mãe, mal comer e já retornar à escola para acompanhar a aula da terceira série onde a Dona Rosa Grazziotin, não menos severa que a Dona Magali me esperava.

Luiz Henrique da Rocha  
Fevereiro de 2018

## **E AI? FUI APROVADO?**

Quase todos devem ter conhecido o personagem do qual falarei, ele morava no Pio X, quase em frente a Igreja, em uma casa que fica entre a "Loja Ney" e o estacionamento que foi recentemente construído ali, pois bem:

O ano deveria ser lá por 1965 e ali residia um senhor com hábitos atípicos para aqueles tempos.

Falava vários idiomas, adorava filosofia e filosofar, pintava, sim pintava muros pois naquele tempo não conhecíamos o tal de grafite, então a arte era tratada apenas como pintura.

Ele então pintava muros com frases de efeito e até um tanto provocativas com a certa intenção de que alguém viesse a desenvolver algum raciocínio lógico.

Como quase todo ser desligado dos bens materiais e ligado a vida e ao seu sentido, ele não dava muita bola para suas vestes surradas, barba por fazer e ai por diante dirigir então...

E foi ai que alguém o incentivou a "tirar a carteira". Naqueles tempos não tínhamos as exigências, a tecnologia e a legislação de hoje, mas ele por prudência e por ter uma certa intriga com a máquina procurou um amigo para fazer algumas aulas, amigo este que após a primeira "aula" o aconselhou a desistir do projeto.

Mas o homem era perspicaz e foi em diante.

Nos testes de sinais e outros de ordem burocrática, tirou de letra, já na prova prática...

Dizem as más línguas que foram mais de dez tentativas e ele sempre empacava na tal de arrancada em morro e que era sempre feita no "morro da Sandú" que na realidade é a Rua Pinheiro Machado em frente ao Posto de Saúde, quase no cruzamento com a Do Guia Lopes.

E lá se foi ele para mais uma tentativa e o administrador do teste deve ter tentado uma fala diferenciada até quem sabe com a intenção de que ele viesse a ser aprovado e segundo corria de boca em boca teria dito:

- O ali no meio da lombada o Senhor pare e desça bem devagarinho.

E ele parou o possante e bicolor Aero Willys ano 1961, puxou o freio de mão, colocou a marcha da condução em ponto morto, deu manivela na máquina do vidro e o ergueu, desceu lentamente, bateu a porta, fechou cuidadosamente o cilindro, testou se estava devidamente trancado e lascou para o inspetor:

- E ai, fui aprovado?

O resto fica pela imaginação de cada um,

Luiz Henrique da Rocha  
Fevereiro de 2018

## PERCORRENDO A CIDADE

Lá ia o menino, calças curtas, suspensório, sapato colegial, meia branca, cabelo cortado cadete" e coberto por uma camada de glostora, lá se ia o menino, com uma camisa quase transparente, de mangas curtas, feitas de um certo tecido chamado de "volta ao mundo", lá se ia o menino alegremente carregado pela mão de seu pai.

Na primeira parada os olhos do menino se enchiam de brilho ao ver as maçãs que o "Mercado Público" exhibia, e o orelhudinho, então abria um largo sorriso ao receber generosos e perfumados pedaços, partidos por um velho canivete, olhos ávidos ouvidos aguçados, procuravam de onde vinha aquele ronco... ronco do potente motor de um flamante DKW.

E lá se ia o menino, pela mão firme de seu pai, observando.. olhando.. aquele ônibus "narigudo" que trazia o nome dos Hoffmann passavam pela chapelaria, que ficava na Visconde, um pouco acima dos Fasoli, ali o menino esbugalhava os olhos ao ver a beleza dos garbosos chapéus de feltro.

A próxima parada era a Loja Calcagnotto, que exibia a novidade dos refrigeradores da marca Frigidaire, "incrivelmente". E lá se ia o menino sorvendo aqueles momentos como se os últimos fossem, passavam pela Prefeitura, onde o atendimento se dava logo nos primeiros degraus, onde um obeso senhor, com um lápis atravessado ao lado da orelha, anotava as solicitações e as encaminhava ao Capataz, há a Prefeitura era na Visconde de Pelotas, onde hoje se encontra o Museu Municipal, o consultório do Dr. Ordováz ficava mais adiante na esquina com a Av. Júlio de onde podíamos avistar o prédio do Circulo Operário.

E lá se ia o menino, e já na Praça Rui, que um dia já tinha sido Dante... o menino observava as calçadas, que caprichosamente formavam cachos de uva, a beleza do Banco do Estado, do Cine Guarany, do Central.. mas derrepente a calma da Sinimbú era cortada pela "Sandu", a ambulância.

E lá se ia o menino, olhos acesos, passavam pelo prédio dos Correios e Telégraphos, pela Av. Júlio, pela "Estrelinha", "*o point da moda infantil*" daqueles tempos.

No caminho de volta passavam pela Garagem Modelo, que ficava na esquina do Hospital Pompéia, e lá se ia o menino, suado, empoeirado, primeiro uma parada nos "sortidos" Armazéns de Secos e Molhados onde se encontravam os itens para a toda a família, já nos fundos do Pompéia entravam na "Padaria Moderna" para apanhar algumas balas "azedinha", mas o melhor vinha agora, a última parada era na Casa de Bebidas Irmãos Salvador, que ficava quase na esquina da 20 de Setembro com a Marechal Floriano, onde se tomava uma Grapette, que era saborosamente sorvida na palha de trigo, e quando a palha estava em falta, o jeito era fazer dois furos na tampa de aço, agora tudo estava completo e tínhamos dois caminhos para retornar a casa, um era pela Vila Operária, onde a Moreira César era apenas um "carreiro", o outro era pelo curtume do "Seu Ari", perto da Vila Sesi e chegar na "casinha" cercada de madeiras retilíneas, e enfeitada por bem cuidados pés de roseiras, que coloriam e perfumavam a entrada do chalé dos Rocha, e aí vinha uma advertência – "cuidado com a lagoa guri", estávamos em casa.

Bons tempos aqueles, em que o menino orelhudinho era inocente, a família era composta pela Therezinha, Alaor, Manoel, Eleni, Jarbas, Paulo pelo "orelhudinho", a Dona Geny e o Seu Alzemiro, bons tempos aqueles em que éramos nove, em que enviávamos uma carta para São Chico e ela demorava cinco dias para chegar.

Há já ia me esquecendo, as horas eram pontualmente marcadas pelo compasso do relógio da Eberle, e ainda escutávamos o garboso apito da Gethal, que ficava "lá" na colônia, bons tempos aqueles.

Luiz Henrique da Rocha  
Coluna Opinião – Jornal Pioneiro 09/11/2002

O homem só atinge o status de cidadão por meio da educação.

Sem ela o homem volta a ser primitivo e deixa de ser homem na concepção da palavra.

A educação transforma, faz com que os sonhos se tornem realidade e coloca o homem no caminho desejado por todo o ser humano que é o da eterna busca pela felicidade.